

A igreja cristã como sinal do reino: o evangelho e sua lógica da presença a serviço das pessoas

*Roberval Rubens Silva*¹

Resumo: A igreja cristã tem um papel relevante na sociedade brasileira como marca constante de uma presença discreta, afetiva e sedutora, onde se anuncia o reino de Deus à medida que o vivencia na prática cotidiana. Sendo presença, a igreja precisa assumir a condição de sinal do reino de Deus, direcionando as suas ações para o projeto do reino de Jesus de Nazaré. Este artigo discute um dos grandes problemas da igreja cristã no Brasil que é a sua opção deliberada pela visibilidade, por projetos de poder, submetendo-se a todo tipo de disputa, corrupção e competitividade. Neste ambiente do jogo pelo poder não cabe o evangelho de Jesus de Nazaré que é sempre presença, numa lógica da fragilidade, deslocando-se em compaixão e solidariedade às pessoas do caminho. Este estudo aponta para uma conclusão onde a beleza da igreja itinerante, no caminho, está quando ela vive o evangelho numa perspectiva de que a vida de Jesus foi relevante para nos salvar dos nossos egoísmos, arrogâncias e autossuficiências, impulsionando-nos na esperança de uma vida em abundância no serviço em amor ao outro, como uma nova igreja de mãos dadas sempre com a missão libertadora das pessoas.

Palavras-chave: evangelho. lógica da presença. reino de Deus. igreja. serviço

INTRODUÇÃO

A fé cristã possui como natureza uma dinâmica de mover-se em direção ao outro, sair de si, como expressão de uma vocação cristã que testemunha o seguimento de Jesus de Nazaré. A igreja cristã recebeu esta missão do próprio Cristo ressuscitado em ser sua testemunha por todo o caminho existencial. Assim, para ela não resta outra opção senão sair de si, doar-se como presença discreta, afetiva e sedutora ao mundo, pois é da sua natureza ser missionária. Neste sentido este artigo se propõe a refletir sobre a compreensão de missão da igreja cristã brasileira, fazendo uma distinção entre a missão numa lógica da presença onde esta igreja assume a sua condição de sinal do reino de Deus e direciona as suas ações práticas para o projeto de vida de Jesus de Nazaré, ou ela faz uma outra opção pela missão numa lógica da visibilidade onde a sua preocupação primeira está na multiplicação da eclesialização territorial como projeto de poder.

Na primeira parte deste artigo, reflete-se sobre os projetos missionários das igrejas cristãs brasileiras com suas lógicas da presença e da visibilidade, enfatizando as ações e consequências destes modelos missionários na vida prática da igreja cristã que se denomina testemunha do evangelho de Jesus de Nazaré. Já na segunda parte, aponta-se um caminho de volta para estas igrejas se reaproximarem da mensagem, testemunho e vida de Jesus de Nazaré, como fonte de toda vida espiritual cristã a ser seguida. Por último, este estudo mostrará os

¹ Graduado em Teologia – Faculdade Batista do Rio de Janeiro – FABAT. Email: robervalrubens@gmail.com

efeitos de uma igreja cristã de mãos dadas com a sua missão libertadora junto às pessoas visando a plenitude de vida.

1 AS LÓGICAS MISSIONÁRIAS DAS IGREJAS CRISTÃS BRASILEIRAS E SUAS RESSONÂNCIAS

As igrejas cristãs brasileiras na busca por sua universalidade aspiram fazer-se presente em todos os lugares onde encontrem possibilidades de testemunhar o evangelho de Jesus de Nazaré. É da sua própria natureza testemunhar aquilo que receberam do Cristo ressuscitado, como afirma (RATZINGER, 2015, p. 25):

a Igreja primitiva já constituída é caracterizada mediante quatro conceitos: perseverança na doutrina dos Apóstolos, o que já nos aponta para a sucessão apostólica e para a função testimonial dos sucessores dos Apóstolos; perseverança na comunidade, na fração do pão e nas orações.

Percebe-se já desde o início que a igreja cristã deve viver em comunhão com Deus e com as pessoas, num critério de relação testimonial quanto ao conteúdo do evangelho de Jesus de Nazaré. Sendo ela portadora da missão de evangelizar o mundo, deverá sempre recorrer ao conteúdo do evangelho como luz para o seu caminho.

Como afirma (PADILLA, 2014, p. 107) “o evangelho tem seu centro em Jesus Cristo. Em síntese, ele próprio – sua pessoa e sua obra – são o evangelho.”

A partir desta compreensão, a igreja cristã tem dois caminhos a escolher como forma de atuação na sociedade. Ela poderá escolher a lógica da presença ou a lógica da visibilidade para expressar sua atuação pastoral na vida das pessoas como raios de esperança ou como obstáculo aos corações oprimidos, como se pode ver em detalhes no próximo tópico.

1.1 A LÓGICA DA PRESENÇA DA IGREJA CRISTÃ E SUAS RESSONÂNCIAS

A igreja cristã como testemunha fiel ao evangelho do Cristo ressuscitado opta por ser uma presença marcante na vida das pessoas quando ela assume a sua condição de ser sinal do reino de Deus, raios de esperança para os corações oprimidos. Como sinal do reino de Deus, ela vive na sua prática pastoral o projeto de vida de Jesus Cristo, marcado por uma presença que carrega a fragilidade do próprio filho de Deus, que a si mesmo se esvaziou “*kenosis*” como afirma (FERNANDES, 2017, p. 266):

Na experiência conhecida como *kenosis* (Fl 2.5-8), Jesus vem até nós em forma de servo e dá a sua vida para que tenhamos vida e vida abundante (Jo 10.10b). As práticas de Jesus podem ensinar as igrejas a sermos ativistas de seu amor para tocar e abençoar todos quantos padecem e carecem da graça redentora de Deus.

Este caminho da presença e fragilidade faz com que a igreja cristã se desloque em compaixão e solidariedade na direção das periferias existenciais da sociedade, alinhada em um mesmo espírito e missão com o Cristo.

A partir desta prática pastoral da lógica da presença, a igreja cristã se torna itinerante, peregrina, aberta a impermanência da vida, voltada para a sua missão evangelizadora que possui como fundamento o serviço em amor ao próximo, nas suas ações de compaixão e solidariedade, nutrida por um coração em Cristo em comunhão com todos.

Entretanto, nem sempre a igreja cristã opta por este caminho de luz, como facilmente pode-se ver na prática cristã no Brasil. Ela fará uma outra opção, sendo esta bastante avessa à mensagem e vida do Cristo ressuscitado, como se descreve no próximo tópico.

1.2 A LÓGICA DA VISIBILIDADE DA IGREJA CRISTÃ E SUAS RESSONÂNCIAS

A igreja cristã quando opta pela lógica da visibilidade, ela assume o seu caráter limitado de instituição que abraça o modelo missionário como projeto de poder, fundado na perspectiva de domínio eclesial territorial, como evidência de sua prática cristã orientada para a expansão missionária quantitativa.

Estes projetos de poder escolhidos por algumas igrejas cristãs para modelarem as suas práticas missionárias se fundamentam em atitudes de disputa, corrupção e competitividade, onde não há lugar para o diálogo inter-religioso e o ecumenismo, e por consequência para o próprio evangelho do Cristo, como afirma (ALVES, 2004, p. 25) que “é necessário dizer que a autoridade é algo estranho ao espírito do Novo Testamento. Quem quiser ser o maior, que seja o servo. Substituir a espada pelo lava-pés. Deus, poder e verdade, abre mão de tudo, esvazia-se.”

Os rostos destas igrejas cristãs que vivem pela busca constante do poder pelo poder, são igrejas distantes da beleza do evangelho de Jesus de Nazaré, pois assumem uma postura de arrogância e autossuficiência, onde, geralmente, não buscam ter comunhão com outras igrejas cristãs, por se considerarem superiores e detentoras da “verdade absoluta” sobre Deus. Corroborando este entendimento, Hans Küng afirma (KÜNG, 2012, p. 60):

por trás de uma organização eficiente muitas vezes há todo um aparato de poder e de finanças a operar os meios mais mundanos que possa haver. Por trás dos eventos grandes e imponentes e das liturgias da missa católica oculta-se uma cristandade degenerada, de uma tradição que já há muito perdeu sua substância.

Assim, percebe-se que é bastante fácil na prática pastoral se distanciar da essência do Evangelho de Jesus Cristo, basta voltar o coração para as vaidades institucionais e cargos hierárquicos como afirma (PADILLA, 2014, p. 133):

Além do execrável espírito de competição, que tem mais a ver com o sistema capitalista do que com a palavra de Deus, ela fez com que quase todo o esforço de evangelização em nosso continente se transformasse na difusão de uma versão simplista do evangelho, de uma mensagem que exclui perenemente as dimensões mais amplas da fé, de um cristianismo-cultura que não percebe a necessidade de que a Palavra de Deus fale a partir de dentro da situação humana.

Desta forma, pode-se compreender que a escolha das igrejas cristãs pela lógica da visibilidade só reforça o esvaziamento da presença do Espírito de Deus das suas práticas pastorais, pois em Cristo o poder só tem sentido como serviço como afirma (BONINO, 2011, p. 34):

para Jesus, o poder só tem sentido como serviço. (...) a justiça e a paz que o Senhor quer só se realizam perfeitamente no pleno estabelecimento de seu Reino. (...) O poder como serviço é o poder utilizado para conseguir essa justiça e essa paz.

Considerando esta realidade eclesial atual no Brasil, propõe-se a seguir uma reaproximação à mensagem, vida e testemunho de Jesus de Nazaré, como a primeira fonte de toda a espiritualidade cristã expressa nos evangelhos, como lâmparinas para iluminar mais uma vez o caminho da prática pastoral das igrejas cristãs brasileiras.

2 VOLTANDO À FONTE DE TODA VIDA ESPIRITUAL CRISTÃ: MENSAGEM, TESTEMUNHO E VIDA DE JESUS DE NAZARÉ

A igreja cristã como testemunha do evangelho de Jesus de Nazaré deve sempre e num processo contínuo aderir à mensagem e vida do Deus-Encarnado como alvo de prática pastoral-cristã e de um projeto humanizador do Reino de Deus. Para isto, ela deve se lembrar que é necessário voltar ao primeiro amor na pessoa do Deus-Encarnado, transformando a sua relação com o Cristo, como afirma (PAGOLA, 2016, p. 44):

Um cristianismo sem relação viva com Jesus não tem futuro. Uma igreja formada por cristãos que se relacionam com um Jesus mal conhecido, vagamentecaptado, confessado de vez em quando de maneira abstrata e doutrinal, um Jesus mudo de quem não se pode escutar nada de especial para o mundo atual, um Jesus apagado e inerte, de quem ninguém se enamora nem seduz, que não chama nem toca os corações, é uma igreja sem futuro. Uma igreja que vai envelhecendo, apagando e esquecendo na sociedade moderna. Voltar a Jesus é transformar a nossa relação com Ele. Voltar ao “primeiro amor”, deixar-nos “alcançar” pela sua pessoa. Deixar-nos agarrar não apenas por uma causa, um ideal, uma missão, uma religião, mas pela pessoa

de Jesus, pelo Deus vivo encarnado em Jesus. Deixar-nos transformar lenta, porém profundamente, por esse Deus apaixonado por uma vida mais digna, mais humana e feliz para todos, começando pelos mais pequenos, indefesos e excluídos.

Assim, entende-se que uma igreja cristã que não se permita ser tocada, tomada, afetada pela mensagem, testemunho e vida do Deus-Encarnado, não pode assumir a sua função testemunhal do evangelho do Cristo humanizado. O caminho de volta requer coerência da prática pastoral com o projeto do reino de Deus anunciado e vivido por Jesus de Nazaré.

A igreja cristã deve praticar o ensinamento de Jesus de Nazaré quanto ao anúncio da boa notícia de Deus, sendo sinal presente do reino de Deus nas suas relações humanas no tempo atual, aqui e agora, como farol que ilumine a todos, inaugurando um novo viver alicerçado no amor ao próximo, como regra de ouro ensinada pelo Mestre.

A subjetividade para se definir o reino de Deus aparenta ser muito grande, entretanto, nesta direção apontada pelo Cristo, não tem como a sua igreja cristã não entender o sentido e o chamado para se viver o reino de Deus. De forma a clarear o sentido real do reino de Deus, Leonardo Boff afirma (BOFF, 2012, p. 52-70):

Reino de Deus significa a realização de uma esperança, no final do mundo, de superação de todas as alienações humanas, da destruição de todo o mal, seja físico, seja moral, do pecado, do ódio, da divisão, da dor e da morte. (...) Cristo se entende como o Libertador porque prega, presencializa e já está inaugurando o Reino de Deus. (...) Reino de Deus que Cristo anuncia não é libertação deste ou daquele mal, da opressão política dos romanos, das dificuldades econômicas do povo ou só do pecado. Reino de Deus não pode ser privatizado a este ou àquele aspecto: ele abarca tudo, mundo, homem e sociedade; a totalidade da realidade deve ser transformada por Deus. (...) Reino de Deus, ao contrário do que muitos cristãos pensam, não significa algo de puramente espiritual ou fora deste mundo. É a totalidade desse mundo material, espiritual e humano agora introduzido na ordem de Deus. (...) Reino de Deus atinge primeiro as pessoas. Delas se exige conversão. Conversão significa: mudar o modo de pensar e agir no sentido de Deus, portanto revolucionar-se interiormente. (...) Jesus se comporta sobranceiro frente às leis. Se elas auxiliam o homem, aumentam ou possibilitam o amor, Ele as aceita. Se, pelo contrário, legitimam a escravidão, Ele as repudia e exige quebra. Não é a lei que salva, mas o amor: eis o resumo da pregação ética de Jesus. (...) Essa é a “lei” de Cristo: que nos amemos uns aos outros assim como Deus nos tem amado. Esse é o único comportamento do homem novo, livre e libertado por Cristo e convidado a participar da nova ordem.

Sendo assim, a igreja cristã como sinal do reino de Deus vive a sua conversão, a sua configuração a Cristo, a sua missão integral numa lógica da fragilidade e da presença que direciona a sua atuação na sociedade para ações de compaixão e solidariedade, expressando todo o seu amor ao próximo como eixo de sustentação e coerência como testemunha do evangelho do Cristo. Corroborando este entendimento Clemir Fernandes afirma (FERNANDES, 2017, p. 263):

Um dos sentidos cristãos de conversão é que esta radical experiência faz a gente perder as escamas dos olhos e passar a ver o mundo real e essencial. Abrir o coração para Deus é passar a ver o mundo com o olhar de Cristo. Tomado pela justiça e pela compaixão de Cristo.

Nesta direção apontada pelo Cristo, para segui-lo não resta dúvida que é preciso viver o seu projeto de vida, como ação libertadora das pessoas, principalmente, nas periferias existenciais da sociedade brasileira, como atuação missionária local.

Por isso, a igreja cristã na sua função testimonial do evangelho do Cristo, refletindo a sua condição de sinal do reino de Deus, ela tem o compromisso de viver a sua prática pastoral voltada para a centralidade da pessoa humana e das suas demandas existenciais, no sentido de garantir e proteger a dignidade e integralidade das pessoas, oferecendo a sua ética como espelho da ética do Cristo que humaniza as pessoas, sendo sempre guiada pela presença do amor em todas as suas escolhas existenciais.

3 A IGREJA CRISTÃ BRASILEIRA DE MÃOS DADAS COM A SUA MISSÃO LIBERTADORA

Pensar numa igreja cristã como agente de transformação social é entender que ela é responsável pelo anúncio de libertação das pessoas, como afirma (RATZINGER, 2015, p. 89):

A libertação fundamental que a Igreja nos pode oferecer consiste em nos manter dentro do horizonte do eterno e em fazer-nos sair dos limites de nosso saber e de nosso poder. Por isto, a própria fé, em toda a sua grandeza e amplitude, é sempre a reforma essencial de que precisamos. (...) a Igreja deve ser a ponte da fé e não pode, principalmente na vida de suas associações dentro do mundo, colocar-se como um fim em si mesma.

A partir desta compreensão, percebe-se que a igreja cristã deve perseverar no seu propósito de ser sinal do Reino de Deus aqui e agora, apontando para uma vida em plenitude onde as pessoas se sintam atraídas pelo amor à Deus em liberdade de ser, como pode-se observar no próximo tópico.

3.1 UMA IGREJA CRISTÃ ITINERANTE A SERVIÇO DO AMOR AO PRÓXIMO

Perceber os efeitos de uma igreja cristã de mãos dadas com a sua missão libertadora junto às pessoas, visando a plenitude de vida, é uma tarefa um tanto subjetiva, mas ao mesmo tempo concreta, pois quando esta igreja cristã assume viver a sua lógica da presença sendo sinal do reino de Deus, ela abraça o projeto de vida de Jesus de Nazaré como já foi mostrado no tópico anterior deste estudo.

Como consequência desta escolha como prática pastoral, a igreja cristã será sempre uma igreja itinerante, peregrina, numa dinâmica de movimento, marcando a sua presença na vida das pessoas através das suas ações de compaixão e solidariedade.

Esta igreja itinerante estará sempre a serviço em amor ao próximo, construindo toda a sua existência pastoral no entorno desta função de servir em amor a todos. Por isso, ela deverá se abrir, sair de si, doar-se em amor ao outro, em comunhão com todos e com as outras igrejas cristãs e não-cristãs como exemplo de abertura ao diálogo inter-religioso e ecumênico como afirma (KÜNG, 2012, p. 221):

Para todas as reformas, o parâmetro deve ser aquele que há se servir – desta vez, sim, de maneira centralizadora – de critério e medida para a Igreja: o Jesus Cristo histórico, exatamente como se nos deu no Novo Testamento.

O resultado desta sementeira será, pelos olhos de uma fé amadurecida, uma igreja cristã cumprindo a sua missão libertadora das pessoas através de ações que promovam a formação da autonomia destas pessoas numa prática pastoral coerente e sensível com a realidade concreta da vida destas pessoas, como resposta ao projeto humanizador do reino de Deus que busca resgatar a integridade e inteireza de vida de cada ser humano.

3.2. UMA IGREJA CRISTÃ DISTANTE DO EVANGELHO E FECHADA EM SI MESMA

Numa outra direção, tem-se a igreja cristã que escolheu viver a sua prática pastoral pautada em projetos de poder onde a sua preocupação principal é com a sua expansão territorial como elemento de dominação e controle social, e por isso atuará num ambiente de disputa, corrupção e competitividade, produzindo assim uma igreja arrogante e autossuficiente, totalmente distante do projeto de Jesus Cristo, como afirma (QUEVEDO, 2013, p. 64):

a doença típica da Igreja fechada em si mesma ou “autorreferencial” (expressão que gosta de repetir) consiste em olhar só para si. Essa espécie e narcisismo conduz à “mundanidade espiritual” (outra expressão repetida pelo papa, citando o padre De Lubac) e ao “clericalismo sofisticado”, que nos impediriam de experimentar “a doce e confortadora alegria de evangelizar” (esta frase a toma de Paulo VI).

Assim, pode-se afirmar que uma igreja que se intitula cristã e não reflete o Cristo em sua vida pastoral, torna-se indiferente ao convite do Evangelho de Jesus Cristo, passando a viver uma falsa segurança doutrinária e assumindo uma postura autoritária e arrogante no convívio religioso e social. Corroborando este pensamento, o Papa Francisco afirma (FRANCISCO, 2013, p. 80):

a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos. (...) e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas. (...) É uma suposta segurança doutrinal ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário, onde, em vez de evangelizar, se analisam e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias a controlar.

A partir desta compreensão, pode-se notar que é um grande risco eclesial assumir esta lógica da visibilidade, em viver projetos de poder em nome do Reino de Deus, oprimindo as pessoas e vendendo a sua consciência e espírito protestante de liberdade, como afirma (BARRO, 2013, p. 20-21):

Esse é o risco da pastoral institucional: desenvolver um ministério de manutenção autoconsumido. (...) Mas esse cativo que cativa tem seus preços e consequências. Nada na vida é de graça. Um dos preços é vender a integridade no altar da popularidade.

Por esta igreja cristã escolher este ambiente avesso ao conteúdo do evangelho, ela passa a viver isolada da comunhão, com as outras igrejas cristãs e não-cristãs, refletindo assim o seu fechamento em si, o que a distancia de práticas de compaixão e solidariedade.

O resultado desta semente agora será um efeito negativo na vida das pessoas, pois esta igreja cristã que escolheu a lógica da visibilidade dará as mãos a sua missão de cativo destas pessoas, gerando opressão e peso na vida delas através dos seus discursos de medo e ódio em relação a tudo aquilo que se apresentar diferente deles.

CONCLUSÃO

Pensar uma igreja cristã que espelhe o Cristo humanizado e peregrino aponta para uma igreja itinerante, no caminho, vivendo o evangelho numa perspectiva de que a vida de Jesus foi relevante para nos salvar dos nossos egoísmos, arrogâncias e autossuficiências, impulsionando-nos na esperança de uma vida em abundância no serviço em amor ao outro, como uma nova igreja de mãos dadas sempre com a missão libertadora das pessoas, pois para ela não resta outra opção senão sair de si, doar-se como presença discreta, afetiva e sedutora ao mundo, pois é da natureza da igreja cristã ser missionária.

Os efeitos de uma igreja cristã de mãos dadas com a sua missão libertadora junto às pessoas visando a plenitude de vida podem ser vistos pelos olhos da fé como um processo de

semeadura em terra fértil onde as sementes germinam e promovam na prática pastoral pessoas maduras na fé cristã e com autonomia e liberdade como resposta ao projeto humanizador do reino de Deus que busca resgatar a integridade e inteireza de vida de cada ser humano.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Dogmatismo & Tolerância*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

BARRO, Jorge H. *Pastores livres*. Londrina: Descoberta, 2013.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. 21a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BONINO, José Míguez. *Em busca de poder: evangélicos e participação política na América Latina*. Tradução: Wagner Guimarães. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011.

FERNANDES, Clemir. *Os sentidos na cidade: para uma pastoral urbana transformadora*. In: FERNANDES, Clemir; CONRADO, Flávio. *Reimaginar a igreja no Brasil: 40 vozes evangélicas*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2017.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium, A Alegria do Evangelho, Ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

KÜNG, Hans. *A igreja tem salvação?* Tradução: Saulo Krieger. São Paulo: Paulus, 2012.

PADILLA, C. René. *Missão integral: o reino de Deus e a igreja*. Tradução: Emil Albert Sobottka, Wagner Guimarães. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2014.

PAGOLA, José Antonio. *Recuperar o projeto de Jesus*. Tradução: Mário Santos, ssp. Lisboa: Paulus Editora, 2016.

QUEVEDO, Luís González. *O novo rosto da igreja Papa Francisco*. 2a. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

RATZINGER, Joseph. *Compreender a Igreja hoje: vocação para a comunhão*. Tradução: D. Mateus Ramalho Rocha. 4a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.